

Antonio Candido: crítica e cordialidade

Walter Carlos Costa

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis - Brasil

Resumo

A cordialidade tem sido associada, para bem e para mal, à brasilidade. Enquanto para alguns ela representa um traço positivo, para outros ela é responsável pelo atraso do país. O crítico Antonio Candido parece ter chegado a uma singular síntese pessoal, fundindo cordialidade “brasileira”, polidez “inglesa” e engajamento “francês”.

Palavras-chave: crítica – cordialidade – rigor – isenção

Abstract

“Cordiality” has been associated, for good and ill, with “Brazilianness”. For some it is a positive quality, while for others it is one factor which accounts for the country’s backwardness. The critic Antonio Candido seems to have arrived at unique personal synthesis, combining Brazilian cordiality” with English “politeness” and French “engagement”.

Key words: criticism – cordiality – rigour – objectivity

Alguns conceitos parecem estar associados, para bem e para mal, a certos países. Assim, os termos *gentleman* e *self-reliance* remetem, respectivamente, aos

universos culturais inglês e norte-americano. No caso brasileiro, a *cordialidade* tem sido associada à brasilidade, embora não sem controvérsia. A controvérsia se explica, em grande parte, por uma razão bem simples: se *gentleman* está ligado às boas maneiras de uma classe social rica e refinada de um país que dominou o mundo e *self-reliance* ao espírito de iniciativa, que se acredita estar por trás da pujança dos Estados Unidos, a cordialidade está ligada à sociabilidade fácil de um país cujo futuro de grande potência é permanentemente anunciado e adiado. Daí a identificar a cordialidade com uma das causas, ou mesmo a causa, desse adiamento é um passo que muitos dão de forma quase automática e até com paixão. Segundo esse raciocínio, como a cordialidade não está presente nos países que conseguiram se desenvolver plenamente, logo, a cordialidade é um empecilho ao pleno desenvolvimento.

A cordialidade é, de fato, um desses traços brasileiros (como a tolerância racial ou sexual) que os intelectuais estrangeiros tendem a ressaltar, elogiar, e até exaltar, e que nossos intelectuais tendem a criticar, desqualificar e rejeitar. Para muitos viajantes, antigos e atuais, os brasileiros se distinguiriam por uma maior disponibilidade emocional em relação ao visitante e por uma grande tolerância em termos de classe social, gênero, etnia e religião. Muitos intelectuais brasileiros relacionam essas características a uma situação de profunda desigualdade, que elas ajudariam a mascarar. Como se sabe, para Sérgio Buarque de Holanda a cordialidade está ligada, na origem, à sociedade patriarcal e rural e tenderia a desaparecer com ela. Já Gilberto Freyre e Cassiano Ricardo tendiam, o primeiro de forma mais matizada, o segundo de maneira mais encomiástica, a ver nessas características marcas centrais da nacionalidade. Sérgio Buarque sublinha uma e outra vez sua historicidade, algo que Dante Moreira Leite tentou demonstrar em relação ao caráter nacional brasileiro.

A conhecida formulação de Sérgio Buarque de Holanda é cuidadosa:

Já se disse, numa expressão feliz, que a contribuição brasileira para a civilização será de cordialidade – daremos ao mundo o “homem cordial”. A lhaneza no trato, a hospitalidade, a generosidade, virtudes tão gabadas por estrangeiros que nos visitam, representam, com efeito, um traço definido do caráter brasileiro, na medida, ao menos, em que permanece ativa e fecunda a influência ancestral de padrões de convívio humano, informados no meio rural e patriarcal. Seria engano supor que essas virtudes possam significar “boas maneiras”, civilidade. São antes de tudo expressões legítimas de um fundo emotivo extremamente rico e transbordante (*Raízes do Brasil*, p. 147).

Algumas décadas se passaram, o Brasil se urbanizou vertiginosamente, e a convivência, em boa parte de seu território, talvez tenha se tornado menos cordial. No entanto, a cordialidade (e seus correlatos simpatia e informalidade) continua sendo um traço importante na auto-representação da maioria dos brasileiros. Certamente, haverá uma distância entre essa cordialidade idealizada e sua manifestação concreta, com importantes diferenças segundo a região do país, o meio urbano ou rural, a classe social, a faixa etária. Aqui vou me restringir ao exame da cordialidade em um meio específico, o dos intelectuais, e tomarei uma figura exemplar em muitos sentidos, a do professor e crítico Antonio Candido.

Quando Sérgio Buarque reflete sobre a cordialidade, fala sobre a população em geral, não sobre o grupo específico dos intelectuais. É possível que no funcionamento do sistema cultural brasileiro, e mais particularmente de seu sistema literário, a cordialidade tenha tido, tanto no passado quanto no presente, um peso muito menor. Não é, contudo, o que pensa João Cezar de Castro Rocha (citado por Vivian Rangel em sua resenha de *O exílio do homem cordial*, no suplemento *Idéias do Jornal do Brasil* de 25/06/05):

- É preciso romper o círculo vicioso da cordialidade ao celebrar um livro por amizade. Se não mudarmos nossos hábitos, a vida acadêmica e os cadernos literários serão um mercado de falsas reputações, cuja moeda de troca é o elogio recíproco. Precisamos reinventar a vida intelectual, nada menos do que isso.

Dentro desta visão, a cordialidade é vista como um entrave à circulação e ao desenvolvimento das idéias, através de um debate franco, em que falhas são apontadas e novos enfoques são propostos – mesmo quando desagradem as autoridades estabelecidas ou os amigos. Em outras palavras, o que João Cezar de Castro Rocha parece preconizar para a “vida acadêmica” e os “cadernos literários” são os padrões vigentes em alguns países do hemisfério norte, como os Estados Unidos, Inglaterra, França e Alemanha. Na verdade, são poucos os países do mundo onde há um debate de idéias mais ou menos objetivo, livre de injunções pessoais, grupais ou mercadológicas. Mesmo nesses países o grau de isenção varia enormemente.

Seria importante distinguir, embora elas se interpenetrem, as esferas da “vida acadêmica” e dos “cadernos culturais”. A vida acadêmica está sofrendo uma mudança acelerada e o modelo crescentemente dominante no mundo é o norte-

americano. No Brasil, ele está bem implantado, sobretudo nas universidades federais e também (embora com certa resistência) nas estaduais paulistas. O modelo é tão vitorioso que praticamente toda a vida intelectual brasileira se encontra, no momento, ligada, direta ou indiretamente, ao sistema de pós-graduação. Embora os resquícios de “cordialidade” sejam fortes, é difícil negar que os padrões internacionais de objetividade e distanciamento pessoal têm avançado entre nós. Com relação aos “cadernos culturais”, registrou-se nas últimas décadas um progressivo esvaziamento. Dois fatores podem explicar o seu empobrecimento: a deterioração do ensino fundamental e médio, que deixou de formar leitores e redatores, as mudanças tecnológicas e, talvez, também a obrigatoriedade do diploma de jornalista para se trabalhar na imprensa. Essa obrigatoriedade garante um mercado de trabalho para os egressos dos cursos de jornalismo, mas tem privado os jornais e revistas de jovens criativos, mas sem diploma, que desenvolveriam no dia-a-dia sua vocação de escritores, como ocorreu com Machado de Assis, Nelson Rodrigues e tantos outros. Os cadernos culturais brasileiros parecem ter sofrido muito mais pela ação conjunta desses fatores do que por um excesso de cordialidade, que estaria impedindo a livre circulação de idéias e o debate vivificador. Se há, de fato, meros elogios pessoais, tanto entre jornalistas-escritores como entre os poucos acadêmicos que escrevem com certa frequência na imprensa, há, também, polêmicas e, sobretudo, silenciamento e resenhas rancorosas ou desqualificadoras. Estas últimas, obviamente, contribuem pouco para o desenvolvimento do debate, que supõe o respeito pelo adversário.

Uma alternativa para o impasse entre crítica jornalística e acadêmica, e entre objetividade e louvor dos amigos, foi desenvolvida por Antonio Candido, sem negar, creio eu, nossa tradição de cordialidade. Essa solução pessoal de Antonio Candido merece ser meditada e constitui um exemplo de como tirar partido de certas especificidades nacionais, nascidas na sociedade patriarcal, mas nem por isso, necessariamente negativas em sua totalidade.

Acredito que Antonio Candido pode ser definido como um crítico cordial, se tomamos cordial no sentido de aproximação simpática ao objeto da crítica. O mais admirável é que Candido conseguiu, no início, fazer crítica semanal de jornal e ser professor por três décadas na universidade mais importante do país sem despertar grandes inimizades, chegando a obter, finalmente, um reconhecimento quase unânime. O feito é tanto mais surpreendente quando se considera sua

militância política de esquerda durante toda a sua carreira, que coincidiu com longos períodos de autoritarismo. O prestígio de Candido se deve, naturalmente, à excelência de suas análises, mas também a uma atitude com os pares e com os escritores marcada fortemente pela cordialidade.

De fato, Antonio Candido estabeleceu um padrão de conduta crítica, fundindo cordialidade “brasileira”, polidez “inglesa” e engajamento “francês”. Para avaliar melhor o inédito de sua síntese pessoal, convém lembrar que, para Sérgio Buarque, cordialidade e polidez se contradizem:

Nossa forma ordinária de convívio social é, no fundo, justamente o contrário da polidez. Ela pode iludir na aparência – e isso se explica pelo fato de a atitude polida consistir precisamente em uma espécie de mímica deliberada de manifestações que são espontâneas no “homem cordial”: é a forma natural e viva que se converteu em fórmula. Além disso a polidez é, de algum modo, organização de defesa ante a sociedade. Detém-se na parte exterior, epidérmica do indivíduo, podendo mesmo servir, quando necessário, de peça de resistência. Equivale a um disfarce que permitirá a cada qual preservar intatas sua sensibilidade e suas emoções. (Holanda 1999: 147)

Antonio Candido desenvolveu um estilo pessoal de crítica – que, aliás, *não* teve seguidores – e de docência universitária, que mistura os melhores ingredientes da cordialidade e da polidez, minorando as respectivas desvantagens e realçando as vantagens. Grãos de cordialidade temperam o distanciamento da polidez e o distanciamento da polidez garante o juízo crítico contra a obrigatoriedade do elogio por amizade ou afinidade ideológica. Para celebrar os encontros e prazeres da amizade, Candido compôs vários textos de tipo memorialístico e, para cumprir seu dever político, produziu, também, textos que Vinicius Dantas chamou de “textos de intervenção”. Esses textos amistosos e políticos, não isentos de finas observações literárias e culturais, parecem cumprir o papel de deixar Candido ainda mais livre em suas apreciações nos textos especificamente críticos.

Muito importante também na constituição do estilo crítico de Antonio Candido é a preocupação de evitar polêmica e evitar ferir suscetibilidades, o que se traduz na não-utilização da ironia e do sarcasmo. Evidentemente, essa *persona* crítica foi se formando paulatinamente, mas seus contornos já estão muito claros no primeiro livro: *Brigada ligeira*. Este livro – recém-republicado em sua forma original – recolhe textos aparecidos na *Folha da Manhã* entre 1943 e 1944. Os textos mostram um crítico iniciante, mas arguto,

que se esforça por estabelecer um padrão de juízo objetivo, com conhecimento detalhado do objeto. Embora privilegie o social, o estético ocupa um lugar de destaque. Nesse livro há dois ensaios, um sobre Oswald de Andrade e outro sobre Érico Veríssimo, que demonstram bem que, para Antonio Candido, desde o começo, *lo cortés no quita lo valiente*, ou seja, a cordialidade não exclui a crítica. A grande diferença é que se trata de uma crítica simpática, que deseja destrinçar e compreender o objeto, não desqualificá-lo.

No texto crítico-memorialístico “Os dois Oswalds”, recolhido no volume *Recortes*, evoca os embates iniciais com a obra e a personalidade de Oswald:

Sempre me pareceu que Oswald era dividido ao meio, como homem e como escritor, e foi o que comecei a dizer em artigos desde 1944. Eu escrevia que a sua obra ficcional era avançada e criadora nas duas narrativas que englobei depois sob a designação de *Par – Memórias sentimentais de João Miramar* e Serafim *Ponte Grande*. E era inesperadamente passadista, apesar da técnica, na *Trilogia*, isto é, os três romances subordinados ao título geral de *Trilogia do exílio*, mais tarde substituído pelo do primeiro, *Os condenados*. Finalmente, achava que a série *Marco Zero* (inacabada), prevista como coroamento de sua obra ficcional (já então com o intuito de fazer literatura engajada, como se dizia) era mal realizada e se aproximava da *Trilogia* como teor e qualidade.

As restrições dos artigos iniciais não agradaram obviamente Oswald, que se defendeu me atacando de rijo num artigo recolhido no volume *Ponta de lança*. Mas ao ver que eu continuava analisando a sua produção de maneira objetiva voltou às boas, e partir do desentendimento as nossas relações, apenas cordiais, tornaram-se amizade estreita (*Recortes*, p. 40).

Em “Digressão sentimental sobre Oswald de Andrade” (recolhido em *Vários escritos*) Candido dá uma outra versão para o conflito com Oswald, logo seguido de amizade:

Certo dia, no fim de 1945 ou começo de 1946, estando na Livraria Jaraguá (a velha, a verdadeira), entra ele, dirige-se a mim e diz mais ou menos que fizera mal em reagir com veemência contra o último artigo da *Folha da Manhã*, pois no ensaio eu mostrara não me haver deixado influir por isto, conservando uma atitude objetiva. Propunha então consolidar a nossa amizade e declarava que dali por diante eu ficava com a liberdade de escrever o que quisesse a respeito de sua obra, que ele não se molestaria nem responderia.

Este gesto extremamente cortês e generoso mostrava o homem sem rancor, de alma bem formada, que era Oswald (*Vários escritos*, p. 36).

No mesmo artigo, Antonio Candido faz uma autocrítica radical e serena, traço raro em críticos:

Os meus dois primeiros artigos, relidos depois de tanto tempo, são cheios de erros e têm aquela agressividade misturada de condescendência que parece tão oportuna aos vinte e cinco anos. Oswald tinha razão de sobra para ficar irritado, mas não o demonstrou na dedicatória com que mandou o livro dali a dois meses (*Vários escritos*, p. 34).

Com relação a Érico Veríssimo, Antonio Candido mostra também que a cordialidade e a coincidência ideológica não impedem o exercício do rigor crítico. Assim, em “Romance popular”, rodapé recolhido em *Brigada Ligeira*, Candido faz uma defesa – veemente para seu temperamento – da ficção de Veríssimo, ao mesmo tempo em que assinala suas limitações:

É claro que Érico Veríssimo não é um romancista extraordinário: é claro que não traz nenhuma mensagem excepcional no domínio da arte, nem se salienta pela originalidade superior de sua criação. Não obstante, é também claro que é um romancista de primeira ordem, um escritor que tem vocação firme e que vem representando na nossa literatura contemporânea o aspecto “romance de costumes”, em que ela é tão pobre, escrevendo livros, uns de grande beleza, outros fracos, nos quais está presente um sentimento muito humano da arte (*Brigada ligeira*, p. 65).

A simpatia e franqueza críticas desse juízo é repetida 27 anos depois, no artigo “Érico de 1930 a 1970”, publicado em *O contador de histórias - 40 anos de vida literária de Érico Veríssimo*, organizado por Flávio Loureiro Chaves e recolhido no volume *Recortes*. Nesse artigo, Antonio Candido exhibe um conhecimento minucioso da obra de Érico e uma total empatia com a postura ética do escritor, de tal forma que, em certos momentos, a crítica a Érico constitui, simultaneamente, uma severa autocrítica. É o que acontece quando assinala as limitações estéticas dos progressistas:

A eles [modernistas de esquerda] Érico Veríssimo está ligado por algumas das suas (nossas) mais constantes preocupações. Inclusive as que se tornaram bastante superadas, seja na sua essência, seja na maneira de serem propostas, como é o caso dos dilemas arte ou vida; beleza ou verdade; contemplação ou participação. Todos sabíamos, é claro, que não há oposição real e que um pólo tende a completar o outro; mas na prática havia uma espécie de opção latente, que levava, sendo preciso, a tender ao segundo termo de cada um dos pares mencionados. O decênio da depressão econômica, das agressivas vanguardas artísticas, do dilema *fascismo ou comunismo*, da vacilação e acovardamento da democracia – gerou uma espécie de estética anestésica, que nos marcou profundamente e transparece nas concepções de Érico Veríssimo (*Recortes*, p. 74)

O artigo todo é uma grande homenagem a Érico mas nem por isso Candido deixa de fazer restrições a muitas de suas obras e a aspectos centrais de sua estética. Cabe salientar que essa combinação de cordialidade e objetividade não se aplica, apenas, aos literatos ideológica ou esteticamente mais próximos. É notável o esforço de isenção e de tom cordial quando examina textos de adversários políticos ou estéticos. Assim, ao mencionar artigos que escreveu para “fornecer *blindagem* ideológica” a escritores progressistas, como Érico, reconhece “a vigorosa e não raro brilhante campanha de um escritor de direita, Otávio de Faria”. Também em relação a Gilberto Freyre, tão atacado por suas posições conservadoras, Antonio Candido faz questão de distinguir épocas em que “foi um mestre da radicalidade”, e louva aspectos de sua obra, tanto do ponto de vista histórico e sociológico como estilístico. No artigo “Aquele Gilberto”, escrito por ocasião da morte do autor de *Casa Grande e Senzala*, Candido faz um balanço amigável e preciso de sua contribuição:

Por isso, foi tido e tratado como radical, inspirou revisões, acabou de vez com a visão baseada na suposta hierarquia das raças, consagrou o respeito à arte do povo, à sua cozinha, ao seu dia-a-dia. E tudo por meio de uma escrita surpreendente, nova, de uma beleza como não se tinha visto antes nem se viu depois nos estudos sociais, tornando pálidos os estilos à sua volta (*Recortes*, p. 92).

Em conclusão, pode-se dizer que, na obra cuidadosamente construída de Antonio Candido, tanto a obra escrita como a oral de sala de aula e palestras, a cordialidade brasileira se combina com o rigor e a objetividade internacionais. Ao fundir em sua *persona* crítica, um traço nacional tido por tantos como negativo, com traços gerais, Candido parece repetir o sucedido com grandes criadores como Machado, Nelson Rodrigues ou Borges, em que o nacional e o universal se unem para superar tanto o localismo estreito como o cosmopolitismo raso. Aparentemente, para ser grande crítico é preciso não o apagamento dos traços culturais do país natal, como a cordialidade, mas a invenção de uma mistura em que esses traços se depuram, se elevam e se cristalizam em um formato inaudito.

*Agradeço a John Gledson a tradução do resumo e das palavras-chave.

Referências Bibliográficas

CANDIDO, Antonio. *Brigada ligeira*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004.

-----. *Recortes*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004.

-----. Antonio. *Vários escritos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004.

CHAVES, Flávio Loureiro (Org.). *O contador de histórias: 40 anos de vida literária de Érico Veríssimo*. Porto Alegre: Globo, 1981.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

LEITE, Dante Moreira. *O caráter nacional brasileiro*. São Paulo: Unesp, 2003.

Rangel, Vivian. “Homem cordial na berlinda”, *Idéias, Jornal do Brasil* de 25/06/05.